



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12006 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

Concepção de inclusão pelos professores que trabalham com estudantes Público-Alvo da Educação Especial

Sirlane Freitas Lacerda - UNIVERSIDA ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: -

## **CONCEPÇÃO DE INCLUSÃO PELOS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM ESTUDANTES PÚBLICO-ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

### **Resumo**

O texto apresenta o resultado de uma pesquisa realizada por meio da escuta atenta de 10 professores da Escola Municipal Coronel Melvino Ferraz que trabalham com a Educação Especial como professor de apoio, professor de sala de recursos multifuncional ou que trabalham com estudantes Público Alvo Educação Especial na sala de ensino, com o objetivo de identificar a concepção dos professores sobre inclusão. A pesquisa foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e questionário aplicado através da ferramenta tecnológica Goolge Forms. Tivemos como participantes da pesquisa com 10 professores, a partir das respostas de 19 professores que manifestaram interesse em participar da entrevista ao responder um questionário aplicado a priori por meio do Google Forms. Na seleção, levamos em consideração o tempo de atuação no magistério, se exercia a função de professor em Sala de Recurssos Multifuncional, Professor de Apoio ou se atuava em sala de ensino regular com matrícula de estudantes PAEE. No que se refere aos sentidos atribuídos à inclusão percebidos por meio da escuta dos professores entrevistados, encontramos saberes limitados sobre inclusão, com diferentes concepções, especialmente para os estudantes público-alvo da Educação Especial em escolas de ensino regular, sinalizando ponto de atenção ao tema.

**Palavras-chave: Inclusão. Educação Especial. Professor**

### **Introdução**

Para compreendermos a inclusão, é importante ter clareza do que é a sociedade, visto

que a inclusão se dá na vivência dos indivíduos que constitui a sociedade. Como diz Bauman (2000, p. 242), “para operar no mundo, é preciso entender como o mundo opera.” Nesse sentido, Damasceno (2012) afirma que “a educação inclusiva é um movimento cultural inserido na dimensão social contemporânea, tendo por pressuposto a democratização tanto da educação quanto da sociedade.” Sobre o conceito de sociedade, Elias (1994, p. 13) afirma que a sociedade, como sabemos, somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas. Mas uma porção de pessoas juntas na Índia e na China formam um tipo de sociedade diferente da encontrada na América ou na Grã-Bretanha. [...].

Dessa forma, precisamos compreender a sociedade para pensar numa Educação Inclusiva e na forma como é possível fazer a inclusão dos diversos sujeitos que chegam todos os dias à escola. Logo, buscamos por meio da escuta atenta, identificar a concepção de 10 professores da Escola Municipal Coronel Melvino Ferraz que trabalham com a Educação Especial ou trabalham com estudantes Público-Alvo da Educação Especial na sala de ensino regular sobre inclusão.

Para tanto, realizamos entrevista com 10 professores, a partir das respostas de 19 professores que manifestaram interesse em participar da entrevista ao responder um questionário aplicado a priori por meio do Google Forms. Na seleção, levamos em consideração o tempo de atuação no magistério, se exercia a função de professor em Sala de Recursos Multifuncional, Professor de Apoio ou se atuava em sala de ensino regular com matrícula de estudantes PAEE.

As entrevistas foram realizadas com vistas à investigar a compreensão dos professores sobre inclusão. Após o término da análise das entrevistas com os 10 professores, feito a transcrição, realizamos uma leitura vertical e buscamos autores que nos ajudassem a interpretar os elementos expostos nas falas e apoiamos-nos na forma de interpretação dos dados preconizada pela Entrevista Compreensiva, fazendo um movimento em tríade: pesquisador-teoria- entrevistados.

### **O que dizem os professores sobre inclusão**

Enicéia Mendes (2017) afirma que “com o advento da filosofia de inclusão escolar no fim da década de 1990, intensificou-se o argumento de que todos os estudantes deveriam ser escolarizados numa mesma sala de aula, evitando-se sistemática de exclusão temporária ou permanente dos alunos.” (MENDES, 2017, p. 78).

Destarte, trazemos as vozes dos professores da Escola Municipal Coronel Melvino Ferraz, localizado no município de Rubim-MG. De início, o Prof. 01 asseverou:

*Eu confesso que eu tenho muita dificuldade, ou nada sei sobre a inclusão dentro da escola que eu trabalho, sendo que eu trabalho na rede há 23 anos.*

A afirmativa da professora denuncia a falta de debates acerca da inclusão na escola,

mas também sua própria prática e compreensão.

Para o Prof. 02, *“inclusão é você inserir o aluno de Educação Especial numa vida normal, na rotina normal.”* O Prof. 03 foi breve em sua resposta: *“inclusão é incluir.”* Já o Prof. 04 expôs mais argumentos: *“vejo a inclusão como ação concreta de criar possibilidades de acesso ao exercício de cidadania a um indivíduo que por situações adversas tem limitações (físicas, emocionais, mentais, etc.)”*

Para que a efetiva inclusão ocorra dentro das escolas, primeiramente, precisamos compreender em que consiste a inclusão. Nesse sentido, a Declaração de Salamanca preconiza que

o princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. (BRASIL, [20--], p. 11-12)

Destarte, para promover a inclusão, o caminho é executar o que já está previsto pela Declaração de Salamanca, mediado pelo currículo, articulado pela gestão escolar, sempre de encontro a estratégias que contemple as necessidades dos alunos. Ainda nessa direção, o Prof. 05 alegou: *“inclusão é um processo de compreensão das diferenças e ter em mente que essas diferenças só têm a contribuir para todos, pois a sociedade é plural.”* E é nessa pluralidade que a inclusão vai acolher as diferenças, os diversos, mas, para tanto, posturas e mentalidades precisam ser modificadas.

Para o Prof. 06, inclusão

*é incluir, é colocar na área da Educação Especial, é trazer aquela criança que, às vezes, pro mundo, é uma criança que tem problema, que tem que ficar dentro de casa, que tem alguma deficiência, né? E trazer essa criança pra dentro da escola..*

A fala do professor nos provoca a pensar se ainda existem pessoas ou crianças com deficiência que vivem com seus direitos sendo tolhidos e negligenciados em função da deficiência. Corroborando o pensamento do Prof. 06, o Prof. 07 afirmou que *“inclusão, ela é linda se ela fosse vista de forma efetiva.”* O que não deixa de ser um chamamento para uma reflexão acerca das práticas de inclusão ou exclusão nos espaços escolares.

O debate sobre a inclusão e o modo como se dá a inclusão dos estudantes PAEE precisa ser intencional, com desdobramento na sala de aula, no cotidiano da escola. É preciso ampliar o debate sobre inclusão, necessitamos eliminar a reprodução de discursos de práticas que não deram certo ou de ações não experimentadas. Enquanto não assumirmos nossa função de agentes transformadores que ocupamos, não veremos a mudança que desejamos.

O conceito levantado pelo Prof. 09 foi o de que a *“Inclusão é a adaptação do meio ao sujeito e do sujeito ao meio, é diminuir ou remover barreiras que dificultam ou impedem a aprendizagem.”* Esse pensamento vai ao encontro desta fala do Prof. 10: *“É um atendimento*

*direcionado e eficaz dos alunos que apresentam necessidades especiais, visando repensar a escola e suas práticas pedagógicas para um melhor benefício de alunos e professores.*” Nesse sentido, a fala dos dois professores é provocativa e se aproxima desta assertiva de Libâneo, Oliveira e Toschi (2008, p. 345):

Toda organização precisa de um plano de trabalho que indique os objetivos e os meios de sua execução, superando a improvisação e a falta de rumo. A atividade de planejamento resulta, portanto, naquilo que aqui denominamos de projeto curricular.

Os autores confirmam a necessidade do debate no cotidiano da escola. Sabemos que as práticas pedagógicas exitosas aparecerão se houver iniciativas, mas elas precisam ser pensadas antes de executadas, mediadas por um plano de ação colaborativo, envolvendo todos os profissionais da escola, sem culpabilizar quem não o faz, permitindo que todos da equipe integrem esse processo.

Para Miranda (2012, p. 127),

a inclusão, hoje assumida como um novo paradigma social e educacional vem defender uma sociedade mais justa e mais democrática, livre das práticas discriminatórias e segregacionistas que marcaram negativamente a história da humanidade.

Não podemos nos esquivar do compromisso com a educação emancipatória, libertadora e autônoma. É nesse movimento de aceitação, de acolhimento com a diversidade, que a inclusão vai se constituindo nos espaços escolares e não escolares.

Para o Prof. 01, *“a inclusão, ela é possível, ela é possível, muitas coisas na educação são possíveis, mas desde que sejam fornecidas as ferramentas, os mecanismos e formação, principalmente, pra que a gente faça um trabalho que seja relevante.”* O professor sinalizou que promover inclusão é responsabilidade primária da escola. Para o Prof. 03, *“estes alunos devem ser incluídos sim na educação regular, mas com um olhar totalmente diferente.”* O docente mostrou ressalvas com a inclusão. O Prof. 04, por sua vez, argumentou: *“vejo que são necessárias ações específicas que atendam as necessidades educacionais do aluno no que toca a sua deficiência, com o objetivo de um atendimento que promova a autonomia gradativamente.”* Os docentes acreditam na inclusão e apontam caminhos diferentes para sua efetivação, mas apenas o Prof. 04 levantou a autonomia como um ponto a ser mediado pela inclusão.

Para Neves, Rahme e Ferreira (2019, p. 12),

a proposição de uma educação dita inclusiva é uma afirmação das mais desafiadoras para a sociedade e para as instituições de ensino, quando consideramos o longo percurso de estigmatização social experimentado pelas pessoas com deficiência e a constituição dos espaços segregados.

Certamente, a Educação Inclusiva é um desafio tanto para a sociedade quanto para as instituições de ensino. Todavia, não é estanque, cada dia, os movimentos de luta se fortalecem

em direção às forças contrárias.

Para Galvão Filho e Miranda (2012, p. 248),

a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular implica mudanças nas atitudes e nas práticas pedagógicas dos profissionais que participam do processo pedagógico, da organização e da gestão na sala de aula e na própria escola enquanto instituição.

Nessa perspectiva, promover a inclusão é de responsabilidade da escola, mas vale ressaltar que a escola está para além de um espaço político. Segundo Sofia Vieira (2009, p. 24), “a escola não se reduz a um mero reverso das políticas. Mas, antes se configura como espaço de reconstrução, de inovação, oferecendo elementos para a formulação de novas políticas.” Ao conceber a inclusão como o meio de desenvolver a autonomia dos alunos PAEE, muitos também acreditam que essa responsabilidade deve partir apenas da escola com vistas a atender as políticas estabelecidas por uma instância secundária.

A inclusão assume o sentido de práticas libertadoras para aqueles que foram marginalizados uma vida inteira. Nesse viés, o Prof. 05 afirmou: “*eu tenho certeza que é possível incluir os alunos Público-Alvo da Educação Especial em escolas de ensino regular, é um caminho desafiador, mas muito gratificante*”. Acreditar na possibilidade da inclusão já é um avanço, pois o processo de inclusão começa pela forma como a escola acolhe os alunos quando eles chegam para se matricular. Naturalmente, ter a matrícula feita não é garantia de inclusão, mas é um passo dado a caminho de outros tantos.

O Prof. 07 afirmou que “*infelizmente, a inclusão, hoje, ela é mais no papel do que na prática. Eu vou falar da nossa realidade aqui, a gente sabe que, muitas vezes, até mesmo por parte da família ainda existe um preconceito muito grande e o despreparo também do professor, do profissional pra lidar com esse público, com essa criança especial*”. Já o Prof. 08 apresentou seu ponto de vista afirmando, “*eu creio que se fizer um planejamento bacana, tem como tá introduzindo essa educação inclusiva sim, óbvio, gradativamente.*”

A responsabilidade da inclusão não é só do professor nem só da escola; esse é um movimento que engloba as ações compartilhadas por cada uma das partes envolvida no cotidiano do aluno.

## Conclusões

Os professores nos apresentaram diferentes concepções acerca da inclusão. Nesse caminho, Cury (2005) acentua que é na escola, mas não é só nela, que se pode ajudar a desconstruir mentalidades, posturas e comportamentos que atingem a alteridade com preconceito e discriminação. Acrescenta também que é na escola, mas não só nela, que se pode ajudar a formar crianças e jovens a constituir uma autoestima que lhes propicie o

respeito por si próprios e pelos outros com os quais se relacionam, condição necessária para o cumprimento de seus deveres e para a luta por seus direitos como cidadãos de nosso país e do mundo contemporâneo.

No que se refere aos sentidos atribuídos à inclusão percebidos por meio da escuta dos professores entrevistados, encontramos saberes que restringe a inclusão apenas ao que é relativo aos estudante público da Educação Especial, sinalizando ponto de atenção ao tema, de modo que práticas mais acertivas ocorram nos espaços escolares e na mesma medida, ultrapasse os muros da escola produzindo mais inclusão na sociedade.

## Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DAMASCENO, Allan Rocha. Educação Inclusiva e a Organização da escola: diálogos críticos sobre o projeto pedagógico. **Ci. Huma. e Soc. em Rev.**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 12, p. 159-176, jan./jun. 2012, 2012.

ELIAS, Nobert. **A Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994.

LIBÂNIO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas estrutura e organização**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Sobre alunos “incluídos” ou “da inclusão”: reflexões sobre o conceito de inclusão escolar. *In*: VICTOR, Sônia Lopes; VIEIRA, Alexandro Braga;

OLIVEIRA, Ivone Martins (Org.). **Educação especial inclusiva: conceituações, medicalização e políticas**. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2017. p. 60-83.

MIRANDA, Theresinha Guimarães. O grupo em educação inclusiva e necessidades educacionais especiais do PPGE/UFBA. *In*: MIRANDA, Theresinha Guimarães;

GALVÃO FILHO, Teófilo A. (org.). **O professor e a educação inclusiva: saberes, prática e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 123-138.

MIRANDA, Theresinha Guimarães; GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. Tecnologia Assistiva e salas de recursos: Análise crítica de um modelo. *In*: MIRANDA, Theresinha Guimarães; GALVÃO FILHO, Teófilo A. (org.). **O professor e a educação inclusiva: saberes, prática e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 247-266.

NEVES, Libéria Rodrigues; RAHME, Mônica Maria Farid; FERREIRA, Carla Mercês da Rocha Jatobá. Política de Educação Especial e os desafios de uma perspectiva inclusiva. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 1-21, 2019.

RAHME, Monica Maria Farid. Inclusão e internacionalização dos direitos à educação: as experiências brasileiras, norte-americana e italiana. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 95-110, jan./mar. 2013.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Educação Básica: política e gestão da escola**. Brasília, DF: Líber livro, 2009.